

São Paulo, 05 de maio 2016

Através do Multientidades gostaria de apresentar um fato ocorrido no dia de hoje em nossa escola que traz sérias questões que precisam ser discutidas e combatidas de imediato. Acredito que somos uma REDE e como tal nos APOIAMOS em prol da comunidade. Se vivemos em ilhas em cada uma de nossas instituições não há sentido em se fortalecer essa rede e tudo não passa de uma idealização. Abaixo segue o relato que foi encaminhado à ouvidoria da Secretaria Municipal de Saúde e ao Ministério Público de S. Paulo.

Sou Luciene Melo, diretora de escola da EMEF Prof. Paulo Freire, localizada na comunidade de Paraisópolis em S. Paulo e venho através desta denunciar omissão de socorro por parte do SAMU e demais órgãos da Secretaria Municipal de Saúde em relação à menor WILLYANA CASTRO BARBOSA DA SILVA.

No dia 05/05/2016 por volta das 11:30 o professor de Educação Física comunicou a assistente de Direção que a aluna em questão havia caído durante a prática física e acidentado gravemente o joelho. Temia que a aluna tivesse sofrido uma fratura séria pois estava com dificuldade de move-la. Temendo agravar ainda mais a situação a assistente de Direção imediatamente entrou em contato com o SAMU para que fosse feita a remoção da aluna de forma a não complicar o quadro de saúde. Qual não foi a sua surpresa ao ser atendida pelo servidor "JOEL" de que a viatura não iria até a escola pois tinha receio de que os traficantes a impedissem de chegar ao local. A assistente questionou a postura dizendo desconhecer este tipo de ação e clamando para que ele tivesse ética profissional em respeito a menina que chorava de dor mas nada o demoveu daquela posição. Afirmou que só entraria na comunidade com escolta policial. Imediatamente a assistente entrou em contato com a Polícia Militar que achou a situação "absurda" e se comprometeu a entrar em contato diretamente com o SAMU. A assistente voltou a entrar em contato com o SAMU por mais duas vezes e estes permaneceram irreduzíveis. Somente às 13:40 uma viatura do corpo de bombeiros compareceu ao local acionada pela Polícia Militar.

**Neste meio tempo a assistente e os professores buscaram ajuda da UBS I de Paraisópolis (que divide muro com a unidade) e com o AMA localizado a 300m e NENHUM profissional da Saúde quis ir ao local para imobilizar o joelho da menor para que a própria escola fizesse a remoção da aluna. TODOS os profissionais procurados disseram que só atenderiam a menina se ela estivesse dentro da unidade de saúde.**

O fato representa um total desrespeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente, à ética profissional e até mesmo a compaixão por uma criança que agonizou de dor por mais de duas horas.

Em relação a omissão de socorro por parte do SAMU já comecei a tomar as providências administrativas cabíveis para que sejam apurados os fatos. Afinal, a população de Paraisópolis e nós enquanto trabalhadores da comunidade não podemos acreditar que não teremos socorro simplesmente por se acreditar em fatos exibidos em novela. E mesmo que seja verdade, ao que me conste NENHUM profissional pode se negar a prestar o seu ofício condicionado a uma escolta. Neste caso, os professores também só poderiam dar aula com escolta? Enfim...

Porém o que me faz procurar esta REDE é exatamente o fato de acreditar que ela ou não existe ou que é ilusória. Na EMEF Paulo Freire esta é a SEGUNDA vez que temos um caso de fratura grave (a primeira foi de fêmur) e ao pedir ajuda aos profissionais da UBS I ou do AMA para imobilizar ao aluno para que seja feita a remoção com segurança que o estado de saúde requer temos que nos deparar com a frase "só atendemos se for trazido para a unidade de saúde". Se o aluno estivesse nessas condições já o teríamos feito como fizemos em todas as vezes que é possível levar o aluno até a unidade. Não pedimos atendimento domiciliar, PEDIMOS SOCORRO. E o socorro nos foi negado POR DUAS VEZES. E o socorro não foi para mim, para os meus professores, foi para uma criança da COMUNIDADE DE PARAISOPOLIS que agonizou por DUAS HORAS até que o corpo de Bombeiros viesse. E se não viesse estaria lá até agora... ou talvez saculejando no carro de algum professor.

O pior disso tudo é ouvir que casos de gravidade igual a esta ocorreram em quase TODAS as escolas da nossa comunidade com as mesmas respostas e o mesmo “dar de ombros” que passamos hoje!

Nossos professores não tem CRM nem COREN e alguns fizeram curso de primeiros socorros com carga horária de 6 horas que não substituem a prática do profissional da saúde. Do mesmo modo que vocês não irão alfabetizar uma criança se fizerem um curso intensivo de horas em alfabetização.

TODAS as vezes que a UBS procurou a EMEF Paulo Freire seja para implementar programas seja para utilizar o espaço foi atendida (ou não?). Tudo que foi pedido hoje foi AJUDA e o que recebemos em troca? O que ficou disso tudo? O que dizer para uma mãe que presenciou toda essa cena? O que dizer ao professor que perambulou de um prédio a outro pedindo Socorro? Esqueçamos a ética profissional... onde fica a compaixão por outro ser humano? Onde ficam as relações de REDE? Onde ficam as PARCERIAS? Onde fica o trabalho pela comunidade?

Aguardo respostas...

Luciene Melo MUñoz  
Diretora de Escola  
EMEF Paulo Freire